



REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ PARAÍBA

João Pessoa, 03 de Agosto de 2013.

Companheiros e Companheiras,

“O tempo não para...”

Concordamos com Cazuza, o tempo não para. E mais, o tempo voa! Já estamos no segundo semestre de 2013; dia desses era janeiro e estávamos nos preparativos e realização do I Encontro Nacional de Juventudes da RECID, que inflamou o trabalho com juventudes no estado. Calorosos (as) com o clima gostoso do verão litorâneo misturado com o carnaval de rua da capital João Pessoa, nos dias 16, 17 e 18 de Fevereiro tocamos (educadores populares da Zona da Mata, da Borborema e do Alto Sertão) o planejamento à luz da proposta encaminhada nacionalmente, coisa que não foi tão fácil, mas nos ajudou a olhar para algumas questões com mais profundidade e, sobretudo, nos fez enxergar que estávamos no caminho certo em nossos processos de planejamentos anteriores.

Ao revisar o caminho trilhado através de diálogos com os educadores e educadores das microrregiões (Zona da Mata, Borborema e Alto Sertão), ressaltamos que o “fazer com” é um elemento essencial para a eficácia da educação popular e da construção do projeto popular. Dizemos isto porque, para chegarmos a um possível retrato de nosso planejamento, anteriormente fizemos um processo horizontal de perceber com os grupos o fechar/abrir do processo ocorrido em 2012 nas microrregiões do estado.

Neste balanço, do ponto de vista do trabalho de base, destacaram-se os processos formativos com juventudes e mulheres, considerando um favorecimento ao protagonismo juvenil e, no caso das mulheres, uma sensibilização acerca das relações de gênero e poder. Destacou-se também, que o fazer junto ao/a camponês/a da Reforma Agrária fortalece a prática agroecológica na perspectiva da soberania alimentar.

Com relação ao diálogo e ampliação da rede com outros atores e atrizes sociais, foi considerada salutar a construção conjunta do CRB – Curso de Realidade Brasileira, Grito dos Excluídos, I Encontro dos Movimentos Sociais; nesse mesmo ínterim ressaltamos as lutas conjuntas pela política de convivência com o semiárido, pela defesa do território camponês e pela coibição da violência sexista.

Estes destaques só foram possíveis devido à prática de gestão compartilhada, favorecida por uma organicidade horizontal (grupos de base, coletivos microrregionais, coordenação ampliada estadual, coordenação executiva estadual e entidade âncora), valorizando as organizações e as pessoas, num pé de igualdade, enquanto protagonistas do processo, tendo os educadores/as enquanto instrumentos para a práxis da educação popular.

Tendo em vista as conquistas ressaltadas, fizemos uma leitura de que o chão que se pisa é desafiador, caracterizado por um Estado social desenvolvimentista “progressista”, que mesmo tendo promovido alguns direitos sociais e não reformas estruturantes apresentam para “o fazer” da *Rede* alguns desafios: pensar estratégias de lutas na perspectiva do poder popular; enfrentar os grandes projetos desenvolvimentistas (mineração, agro-hidronegócio, especulação imobiliária e irrigação) em defesa dos territórios camponeses e da soberania alimentar; manter e fortalecer as implementações de tecnologias sociais de convivência com o semiárido na perspectiva de políticas públicas; unidade e fortalecimento das organizações juvenis na luta contra a alienação cultural, extermínio e criminalização, no sentido de favorecer o protagonismo juvenil; lutar por uma educação pública contextualizada e de qualidade; fortalecer e dar enfrentamento à violência sexista e homofóbica; unidade e fortalecimento das organizações e lutas das mulheres e encarar as lutas sociais urbanas.

A partir deste contexto fizemos apontamentos para o planejamento 2013: fortalecer as ações da RECID nas atuais microrregiões e ampliar para outras microrregiões; fazer articulações com outras organizações de mulheres e juventudes; ampliar a participação de outras organizações e movimentos sociais e grupos nos

coletivos microrregionais; refletir e elaborar indicadores que colaborem com a mensuração dos resultados das atividades da RECID no estado; potencializar nossa apropriação sobre metodologias para a formação processual com as lideranças/educadores (as) de base; continuar a prática da gestão compartilhada nas microrregiões (entendendo como gestão compartilhada os aspectos políticos, financeiros e pedagógicos) na perspectiva da sustentabilidade da RECID no estado.

Por isso, deliberamos quanto eixos de ação centrais: 1) fortalecer o processo de Formação Estadual a partir do Terceiro Programa Nacional de Formação da RECID, integrando as ações formativas locais e regionais tendo em vista o trabalho de base e a formação de lideranças, priorizando jovens e mulheres, na perspectiva do Projeto Popular para o Brasil. 2) ampliar a articulação com os movimentos sociais e entidades da sociedade civil organizada tendo em vista o aprofundamento de forma crítica ao modelo de desenvolvimento em curso no país.

Consideramos que os esforços para chegarmos a um planejamento foi um marco para nosso fazer no estado, mesmo sabendo do desafio de levar adiante e, sobretudo, ter passado por um momento transitório do convênio, afirmamos que não perdemos o horizonte e nem as articulações possíveis a exemplo do I Encontro Estadual de Mulheres, ocorrido em abril, bem como outras tarefas: reuniões dos coletivos, articulações de juventudes, CRB e outros. Com esta realidade vivida, entendemos que o recurso financeiro não é o fim do processo e sim o meio e que somente uma gestão compartilhada é capaz de sustentar o mínimo durante praticamente seis meses sem convênio.

E saindo do clima de transição de convênio (planejamento, seleção de educadores (as), mudança de entidade âncora), entramos no clima dos 10 anos da RECID, da CONAE – Conferencia Nacional de Educação, da discussão sobre a seca, chegando às empolgantes e alegres festas juninas embreadas com o clima de mobilizações por todas as partes do país, coisa demais ao mesmo tempo para viver e sentir. O tempo não para mesmo. Sobre as festas juninas dá a entender, pois está no sangue do nosso povo, que mesmo com as estiagens - onde o camponês produziu pouco ou nada - a zabumba, a sanfona e o triângulo não descansaram mesmo.

As mobilizações no Brasil afora nos deixaram curiosos, ora entendíamos, ora não. Mas, nos contagiamos e fomos para as ruas em João Pessoa, Campina Grande, Cajazeiras e outras cidades para viver o momento e também levar nossos cartazes com

nossas reivindicações; a turma da RECID no Alto Sertão e Zona da Mata empenham-se bastante na articulação das ações. Muito curioso mesmo ver as juventudes nas ruas. O que isto significa para a construção do projeto popular para o Brasil? Precisamos analisar bem direitinho na perspectiva *sentilógica*.

Contudo, o tempo não para, os processos se interligam no tempo e no espaço, ações ocorreram nas microrregiões do estado conforme planejamos. Na Zona da Mata conseguimos superar uma fragilidade de articulação vivenciada em 2012 e assim empreitamos a articulação por meio de diversos processos formativos. Também centramos energias na construção do V Curso de Liderança Juvenil a ser realizado no segundo semestre e, assim, a colaboração na efetivação do programa juventude viva na região. Outro fazer nosso têm sido a construção conjunta com/na assembleia popular do grito dos excluídos, do II Encontro Estadual dos Movimentos Sociais, cujo tema será *Desenvolvimento, Violências e Direitos*” e com a pastoral do menor na formação de educadores(as). Paralelo a estas articulações, estamos mobilizando novos núcleos nas regiões da várzea e brejo paraibano. Acreditamos que o cenário das mobilizações, permitiu uma maior abertura e disposição dos grupos, organizações e movimentos organizados que acreditam numa nova sociedade.

No alto sertão, percebemos que as atividades pedagógicas com grupos de catadores de materiais recicláveis dos municípios de (Cajazeiras, Pombal, Uiraúna e Bonito de Santa Fé) ajudou aos grupos construírem um plano de formação continuada e a colaborar para um encontro estadual com representantes dos grupos de catadores de materiais recicláveis, o que desdobrou-se na melhor intervenção nas conferências municipais de Meio-Ambiente e Resíduos Sólidos. Já as atividades com os assentados de 04 assentamentos de Reforma Agrária permitem aos camponeses olhar para sua comunidade e perceber quais suas potencialidades sociais e produtivas e para a REDE a diagnosticar e apoiar possíveis estratégias para o fortalecimento da produção agroecológica e de grupos de interesses (Juventude, mulher e outros). Outra bandeira de luta que abraçamos é o das juventudes, pois no mês de Junho ocorreu a 10^a Etapa da *Escola de Formação Política de Jovens Paccelli Gurgel*, cujo tema foi Comunicação e Crítica Midiática, o que favoreceu na rearticulação do Movimento Estudantil de Cajazeiras. No tocante as articulações com os movimentos sociais, ressaltamos a construção e realização de 04 etapas do CRB/UFCG abordando as temáticas: América Latina, Relações de Gênero, O Estado Brasileiro, Globalização e Meio Ambiente, Cultura, Ideologia, Agitação e Propaganda; este processo colaborou na construção e

realização de plenárias dos Movimentos Sociais na microrregião, favorecendo assim, a identidade da Assembléia Popular na Região e o II Encontro Estadual dos Movimentos Sociais.

E na Borborema, os educadores (as) desafiam-se a ampliar e fortalecer a rede na microrregião, fortalecendo e intensificando diálogos com “pares”; fruto deste esforço o encontro com lideranças de 17 instituições que atuam com juventude com objetivo de construir processos em conjunto (roda de diálogos, acampamento e outros), esforçando-se para empreitar na luta contra a redução da menoridade penal. Nesta mesma linha, a discussão com as mulheres na construção de estratégias de formação, lutas e intervenções na realidade. Também está no nosso fazer a articulação e construção do grito dos excluídos, plenárias dos movimentos sociais e da Semana social brasileira.

Com todo este processo vivido no primeiro semestre de 2013 podemos dizer que embora existam lacunas estamos conseguindo trilhar pelo planejamento. Todo processo transformador é assim, deixam algumas lacunas, mas também preenchem outras, pois o nosso povo de origem indígena, africana e até mesmo branca, mantém no seu fazer a heterogeneidade social e, com isso, a capacidade de (res) significar as práticas dando à luta de classe tons diferente a cada tempo.

Compreendendo que nossa REDE também é heterogênea, no ponto de vista de sua espiritualidade e/ou religiosidade, reiteramos, “... *peço a vocês: sejam revolucionários, que vão contra a corrente.*” (Papa Francisco, 2013).

Calorosamente,

RECID Paraíba